



## Clonagem humana e ética: o caso Clonaid-Raelianos

Maurício DE CARVALHO RAMOS

Sabemos pelos noticiários que a Clonaid, empresa de biotecnologia, divulgou ter realizado, até agora, a produção (ou reprodução – difícil decidir neste caso) de três clones humanos. Nenhuma prova isenta foi oferecida e a comunidade científica permanece cética quanto à realidade do feito. O leitor pode facilmente encontrar mais detalhes sobre o assunto no amplo material jornalístico acessível na rede, sobretudo após o anúncio do primeiro clone em 26 de dezembro de 2002.

A atual presidente da Clonaid, a química Brigitte Boisselier, é também “bispa” da seita raeliana, cujo líder é o ex-jornalista Claude Vorilhon, que passou a usar o epíteto de Raël desde que teve contatos com alienígenas – os Elohims – na década de 70. Os raelianos pregam, entre outras coisas, uma espécie de religião atéia que pretende substituir as primitivas religiões tradicionais pela ciência e acreditam que poderemos atingir a vida eterna por meio da clonagem. Também ensina a ciência raeliana – revelada a Raël pelos ET’s – qual é a nossa verdadeira origem: toda a vida na Terra foi produzida artificialmente pelos Elohims e, assim, tanto a explicação da origem da vida por criação especial divina como por evolução biológica estariam erradas – seriam mitos diante da força da verdade raeliana. Apesar de Raël insistir que sua seita nada tem a ver com a Clonaid, há muitas ligações entre ambas, conforme veremos mais adiante.

O trabalho de pesquisa que atualmente desenvolvo situa-se nas fronteiras entre biologia, filosofia e história e, conhecendo esses fatos, senti que deveria refletir sobre o assunto e escrever algo a respeito. Mas, apesar desse sentimento, será que realmente se justificaria algum esforço reflexivo diante do que parece ser o “caso Clonaid-Raelianos”, uma típica forma contemporânea de embuste místico ambigualmente apoiada por ciência suspeita? Por um lado, se a Clonaid produziu ou não clones humanos é um problema de cunho técnico e científico que se decide com testes controlados. Já o conteúdo do que Raël e sua seita afirmam não apresenta muita novidade comparativamente aos absurdos generalizados que oferecem tantas outras fontes alternativas de saber “esotérico” que vemos surgir a todo o momento e por toda parte. Dessa perspectiva, cheguei a pensar que, apesar do assunto ser instigante, não haveria nada a dizer de relevante sobre ele. Melhor ainda, nada *deveria* ser dito, já que todo pronunciamento poderia ser facilmente transformado em nova peça de publicidade que alimentaria o

espetáculo promovido pela seita ao mesmo tempo em que, mais ou menos indiretamente, promoveria os produtos oferecidos pela Clonaid, suposto braço científico da seita.

Desenvolvendo já um pouco esta última questão, pode-se dizer que, assim como a Clonaid, os raelianos e organizações do gênero, a ciência oficial também se utiliza amplamente da publicidade para promover suas atividades e suas realizações. Essa questão nos remete a um intenso debate filosófico acerca do papel da retórica na ciência que tem Paul Feyrebend como uma das figuras centrais. Mas, mesmo sem entrar nos detalhes dessa polêmica, parece-me que seria injusto aproximar a publicidade implicada no caso Clonaid-Raelianos daquela que se vê cotidianamente na ciência. Os produtos da atividade científica tornam-se públicos – mesmo que para o restrito público da comunidade científica – para que sejam, em princípio, testados, examinados e criticados. Criar as condições para o teste é algo implícito na atividade científica. Já na esfera comercial e “midiática” em geral, parece que se pretende produzir o efeito oposto: a publicidade serve não para testar, mas para dar maior realidade ao fato. No caso particular da Clonaid, o caráter científico da publicidade de suas supostas realizações técnicas e científicas já está comprometido. Uma polêmica que ainda deve durar algum tempo está em curso sobre os procedimentos utilizados até agora para confirmar se, de fato, a empresa realizou as clonagens humanas. A empresa alega estar protegendo as crianças e as famílias envolvidas, mas se assim fosse o mais coerente seria ter mantido tudo em segredo. Por que, então, tanto alarde com algo que se quer proteger da publicidade?

Junto do aspecto “esotérico” corriqueiro da questão, que poderia ser simplesmente ignorado, o caso sugere também um possível envolvimento com fraude científica, propaganda enganosa e exploração da boa fé das pessoas. Estes sim poderiam ser motivos que justificassem uma crítica, apesar dos riscos envolvidos. Contudo, abordar todas essas questões de maneira séria exigiria explorar problemas relativos a domínios bastante amplos do conhecimento, pertencentes a igualmente amplas esferas de competência acadêmica. Isto, por sua vez, sugere ao pesquisador que pretende ser sério uma certa prudência que me pareceu como um segundo motivo para não escrever. Porém, pensando melhor no assunto, reparei que aqui talvez estivesse presente uma possível armadilha. Essa prudência poderia estar sustentada por uma certa “ideologia da especialização” que constrange o pesquisador profissional a não se aventurar muito além de sua área específica de investigação. Não seria essa mesma ideologia que, de alguma forma, garantiria aos cientistas e técnicos científicos profissionais (como talvez seja o caso de Boissilier e dos funcionários da Clonaid) realizar seu trabalho despreocupados com os complicados problemas éticos e sociais que estariam fora de sua esfera de competência? Diante disso decidi que seria necessário enfrentar a questão,

mesmo sob o risco de cometer inconsistências e imprecisões. Farei algumas breves considerações acerca da ética e da responsabilidade envolvida na atividade científica procurando nelas situar o caso Clonaid-Raelianos.

Que a atividade científica não pode ser orientada exclusivamente por valores inerentes à ciência tem sido defendido por muitos autores e, apesar de ainda haver muita discussão sobre o assunto, considero como bastante questionável a opinião de que a atividade científica deve ser completamente livre de valores extracientíficos. Mas esse “amolecimento” do quadro duro das ciências abre o flanco no lado oposto: interpretações relativistas extremadas podem de tal forma diluir as fronteiras entre ciência e mito que não mais podemos separar a ciência justamente daquelas atividades sectárias e irracionais que estamos criticando. O problema dos valores liga-se por sua vez diretamente à questão das metas da ciência: como articular os interesses de cientistas e não-cientistas quando a ciência modifica a natureza de um modo significativo para o homem e afeta pessoas que estão bastante distantes da própria atividade científica? Em outras palavras, que tipo de responsabilidade pode ser exigida da ciência e dos cientistas em seu processo de intervenção da natureza, principalmente quando se trata da própria natureza humana?

Acredito que essa responsabilidade do cientista está intimamente ligada a duas grandes posições assumidas diante da ciência que estão em permanente conflito. A primeira, cuja origem, de um modo geral, pode ser encontrada na Antigüidade grega no próprio nascimento do saber teórico, associa a atividade científica a valores ligados a uma certa necessidade intrínseca do homem por um conhecimento desinteressado e “puro”, motivado exclusiva ou preponderantemente por sua curiosidade natural ou desejo instintivo de conhecer. Esse conhecimento desinteressado é dito um conhecimento contemplativo e não possui outro valor associado que não seja o próprio conhecimento; ele não é movido por qualquer interesse nem é instrumento para atingir outra coisa que não ele próprio. Mas há a atitude oposta, aquela que entende que o conhecimento valioso é o conhecimento útil para o homem. Pode-se dizer que foi essa visão que esteve bastante presente no nascimento da ciência moderna e foi ela que inaugurou de modo explícito a idéia de domínio e controle da natureza em função das necessidades humanas – lembrando que o ideal lançado no século XVII viria a realizar-se na prática apenas no século XIX. A contemplação associada ao saber tradicional é questionada ou rejeitada em prol da ação ligada ao novo saber dos tempos modernos. *Saber é poder.*

Acredito que ainda hoje convive na ciência a influência dessas duas atitudes ou éticas. A primeira delas é evocada diante das pressões e dos controles externos a que o cientista se vê submetido. A pureza do conhecimento teórico não deve satisfação a ninguém além do desejo inato pelo conhecimento. Já a segunda atitude aparece quando o

trabalho científico é associado ao serviço à humanidade, à doação do cientista pela causa de diminuir o sofrimento humano. Mas também a vejo assumindo formas menos “puras” ao ligar-se a ideais de profissionalização, produtividade e eficiência do trabalho científico. O interesse humano aí envolvido é mais o do próprio cientista que constrói uma carreira e compete pelo lugar mais próximo possível do “primeiro time”. O problema que estamos discutindo em particular, a clonagem humana, vincula-se mais diretamente a essa segunda orientação ética em relação à ciência.

Penso que entre esses dois extremos ideais associados à ciência útil situa-se a responsabilidade social do cientista: levar em consideração os interesses concretos das pessoas afetadas direta ou indiretamente pelas transformações que a ciência realiza no mundo em contraposição aos interesses abstratos da “humanidade” e aos interesses concretos individualistas do próprio cientista. Uma ação eticamente responsável estaria fundada no reconhecimento de que qualquer tentativa de levar a sério os interesses da humanidade significa enfrentar uma pluralidade de interesses em conflito e em transformação. Além disso, para que esse enfrentamento ocorra de forma legítima, deve-se reconhecer que as decisões sobre o que fazer com as ciências e seus produtos tecnológicos – que riscos queremos ou não assumir diante das vantagens que eles proporcionam – não podem elas próprias ser tomadas em bases científicas. Isso porque, ao considerar essa pluralidade de interesses, a capacidade de conhecer as consequências futuras pode estar, na maioria dos casos, muito além do limite de previsibilidade que a ciência pode oferecer. Esse ponto de vista é defendido por Alan Chalmers em sua obra *A fabricação da ciência*. Nela, o autor diz que “*ultrapassamos o legítimo domínio da ciência quando introduzimos questões a respeito da conveniência e segurança das diversas intervenções tecnológicas no mundo*”. Desse modo, explica Chalmers, quando os problemas sociais e políticos são interpretados como se fossem científicos, as soluções oferecidas obscurecem as questões sociais e políticas em jogo. A capacidade de previsão científica é bastante precisa justamente por ser limitada e pode acontecer que o limite da previsibilidade seja realmente pequeno em função do risco implicado. Desse modo, querer ou não correr o risco está envolvido com decisões pessoais e coletivas que não podem receber garantias científicas e, portanto, interesses bem amplos, de amplos grupos humanos terão de ser levados em consideração.

A questão da clonagem humana me parece um caso especial no qual essa capacidade de previsão de riscos aliada à tomada de decisões ética e socialmente responsáveis se manifesta de forma aguda. Basta pensarmos na questão da previsibilidade relativa aos fenômenos biológicos: os clones são organismos cuja existência depende de forte intervenção tecnológica; são organismos que se originaram artificialmente, mas que continuarão a existir biologicamente por meio da reprodução e da evolução. Sendo assim, o que se pode pensar de forma responsável sobre o futuro de tais organismos?

E os interesses do próprio organismo clonado, o que é possível prever sobre sua existência futura? O problema já é difícil por si só e, conforme argumentarei, agrava-se ainda mais quando considerado da perspectiva do caso Clonoid-Raelianos.

Antes de tudo, um esclarecimento sobre o real vínculo existente entre a seita e a Clonaid, já que tal vínculo foi negado mais de uma vez por seu líder. Como já dissemos, a seita prega a imortalidade pela clonagem, a substituição da religião pela ciência e nega tanto a origem sobrenatural divina como a natural evolutiva da vida na Terra, já que afirma que ela foi produto de experiências realizadas por extraterrestres. Tudo isso é oriundo de uma revelação pessoal feita pelos alienígenas ao próprio Raël. A Clonaid, por sua vez, oferece comercialmente a clonagem reprodutiva como um de seus produtos. Raël afirma nada conhecer sobre a clonagem, mas a presidente da Clonaid, Boisselier, é uma cientista profissional que ocupa lugar de destaque especial na seita como “bispa”. Raël também diz que a clonagem humana é um dos passos para a realização do projeto maior de atingir a imortalidade. Isso nos parece suficiente para aceitar que um vínculo importante existe entre a empresa e a seita. As atividades da Clonaid possuem portanto, no mínimo, uma “inspiração” das metas da seita raeliana. E é este ponto em particular que examinarei com algum detalhe.

A clonagem supostamente realizada pela Clonaid é um serviço oferecido em seu site a “casais estéreis sem quaisquer esperanças de ter a criança de seus sonhos”, a “casais homossexuais com um profundo desejo de ter uma criança contendo seus próprios genes” e a pessoas que queiram “ser clonadas sejam quais forem suas razões”. Aqui já teríamos bastante material para discutir acerca do confronto dos interesses individuais e coletivos a que aludimos anteriormente. Mas uma outra modalidade de serviço prestado também estaria disponível: trazer à vida parentes falecidos!. É o caso do suposto terceiro clone, anunciado com destaque na página de entrada do “site”: “Estamos muito contentes por confirmar o sucesso do nascimento do terceiro bebê clonado! Após duas meninas (Eva e a menina clonada a partir do casal de lésbicas alemãs), nasce agora o primeiro menino. Ele é o filho de uma família japonesa que foi perdido em um acidente. O bebê recém-nascido é um gêmeo idêntico de sua criança falecida. Os pais estão muito felizes e excitados pois finalmente ‘tiveram sua criança de volta’ após a sofrida perda algum tempo atrás”. Como é possível acreditar que um gêmeo idêntico seja a *mesma* pessoa que faleceu? Fico imaginando como seria o momento de dizer a pessoa “você morreu, mas nós o trouxemos de volta”. Mesmo que a clonagem artificial produza organismos bem mais idênticos do que o processo natural de formação de gêmeos univitelinos, parece algo muito evidente que um clone *meu* será sempre um *outro*. É um fato biológico ordinário que aquilo que um organismo é, seu fenótipo, é *sempre* o produto da combinação do genótipo com fatores ambientais. Do ponto de vista psicológico as diferenças serão ainda mais marcantes – cada corpo *sempre* perceberá o mundo de coordenadas espaciais e temporais diferentes.

Se as clonagens anunciadas pela Clonaid não forem uma fraude – o que é muito difícil – parece que a empresa começa a oferecer a seus clientes, de maneira ainda implícita, essa forma de imortalidade pela clonagem. Se assim for, estará vendendo um enorme engodo. Mas essa forma de imortalidade é justamente parte das crenças raelianas. Segundo Rael, há três passos para atingir a vida eterna: *“O primeiro passo agora é só criar um bebê. Se você quer ter uma criança por clonagem, você dá uma célula sua e em 18 anos você tem um clone adulto. Mas não é você, porque esse clone pode desenvolver personalidade bem diferente. A primeira parte do passo dois é a criação de um útero artificial. Então, vamos descobrir como acelerar a multiplicação celular. Mas esse clone ainda não é você, porque é só o hardware, só o corpo. Então atingiremos o passo três, que virá da ciência da neurocomputação. Eles estão trabalhando em como ler e como decifrar tudo em seu cérebro: sua memória, sua personalidade, tudo. Nós conectaremos o computador ao clone adulto, então você poderá descarregar, antes de morrer, sua memória e sua personalidade em um clone mais jovem de si mesmo. E essa não é uma tecnologia que virá em um ou dois séculos. Tudo deve vir em 15 a 25 anos”*. Pura especulação que qualquer pessoa um pouco informada poderia fazer, mas especulação que pode ganhar grande força quando aliada a toda a propaganda em torno da Clonaid. Com estas idéias Raël pretende *“tentar inspirar cientistas a criarem o jeito que eu vejo o futuro para a humanidade”*. Boisselier parece ter sido cativada por esse projeto e acredito que o caso Clonaid-Raelianos possa ser caracterizado como uma ousada tentativa de colocar a ciência e a tecnologia contemporâneas a serviço de objetivos religiosos e comerciais bastante questionáveis.

Com estas considerações podemos agora retomar as duas éticas associadas à pesquisa científica que apresentamos anteriormente. De tudo o que foi dito, não me parece que qualquer ideal de pesquisa desinteressada esteja servindo de estímulo às ações que estivemos analisando. Na verdade elas se parecem muito mais com a viabilização técnica de um projeto extra-humano que foi revelado pessoalmente a um escolhido como mensageiro da verdade. Seriam então essas pesquisas e realizações técnicas caracterizáveis como serviços úteis à humanidade? Parece que é nessa crença que se fundamenta todo entusiasmo com que estas pessoas têm se colocado diante do mundo. Se Raël não estiver simplesmente montando uma grande farsa, ele acredita que teve acesso a uma fonte especial de conhecimento sobre a origem da humanidade e, por isso, sente-se autorizado em propor-lhe o futuro que julga o melhor. Isso nada mais é do que se julgar capaz de falar para a própria humanidade a partir de uma posição especial. Sua retórica pretende ter a força para enfrentar e dissolver o confronto secular entre evolução e criação. E a solução do dilema é dada por uma curiosa forma contemporânea de misticismo: preencher o lugar vago deixado por Deus e pela Natureza com seres extraterrestres não-humanos. Nossas origens continuam sendo dependentes de atos especiais de seres superiores – não mais na forma de solenes uniões sexuais entre

os deuses, mas como produtos de técnica alienígena. Diante dessa perspectiva, não há espaço para qualquer responsabilidade social genuína; nenhuma disposição de considerar a diversidade de interesses humanos em conflito. Nem ciência desinteressada, nem ciência útil. ☞

*Maurício* DE CARVALHO RAMOS

Pesquisador do Projeto Temático  
“Estudos de filosofia e história da ciência” da FAPESP,  
pós-doutorando do Departamento de Filosofia  
da Universidade de São Paulo.

*maucramos@usp.br*